O PENTECOSTALISMO E A IGUALDADE RACIAL

Melquesedec M. C. Damaceno[1]

RESUMO

O artigo analisa a contribuição do pentecostalismo para a promoção da igualdade racial, argumentando que o movimento, fundamentado na doutrina do derramamento do Espírito sobre "toda a carne", favoreceu a inclusão e o protagonismo de grupos historicamente marginalizados, especialmente negros e pobres. Embora reconheça episódios de racismo em sua história, demonstra que a espiritualidade pentecostal rompeu barreiras étnicas ao valorizar o sacerdócio universal, a participação leiga e a capacitação espiritual acima da posição social, da escolaridade ou da cor da pele. Exemplos históricos, como o Avivamento da Rua Azusa e o "Milagre de Memphis", evidenciam esse caráter reconciliador. Conclui que a teologia pentecostal possui relevante impacto social ao promover dignidade, pertencimento e reconciliação racial.

Palavras-chave: Pentecostalismo, negro, igualdade, racismo, Espirito

ABSTRACT

The article analyzes the contribution of Pentecostalism to the promotion of racial equality, arguing that the movement grounded in the doctrine of the outpouring of the Spirit upon "all flesh"fostered the inclusion and active participation of historically marginalized groups, particularly Black people and the poor. While acknowledging instances of racism in its history, the study demonstrates that Pentecostal spirituality broke down ethnic barriers by valuing the universal priesthood, lay participation, and spiritual empowerment over social status, education, or skin color. Historical examples, such as the Azusa Street Revival and the "Memphis Miracle," highlight this reconciling nature. It concludes that Pentecostal theology has a significant social impact by promoting dignity, a sense of belonging, and racial reconciliation.

Keywords: Pentecostalism, Black, equality, racism, Spirit

INTRODUÇÃO

Sabemos que querelas raciais sempre foram barreiras para a interação e o desenvolvimento da sociedade. Infelizmente, onde há ser humano, há pecado e todo tipo de degradação moral. Com o pentecostalismo não foi diferente, por vezes o movimento enfrentou divisões e segregações, por conta da cor da pele. Mas dada a sua natureza conciliadora e inclusiva, o movimento também foi responsável por grande igualdade racial. No próprio dia de Pentecostes havia cerca de quinze etnias diferentes (At 2.5-12) e é provável que muitos dentre elas tenham se convertido naquele dia. A primeira Igreja espiritual (o corpo místico de Cristo) foi composta por várias etnias, já no dia de Pentecostes. A Igreja de Cristo já nasceu quebrando as barreiras étnicas e raciais. O caráter conciliador e inclusivo sempre foi a marca do empoderamento do Espírito.

O pentecostalismo, de modo global, é de predominância negra[2]. Existem igrejas pentecostais nos Estados Unidos da América (EUA) exclusivamente de negros[3]. No Brasil a fé pentecostal atraiu, em sua grande maioria, brasileiros negros, pardos e ameríndios. Anderson, nesta toada, afirma que "há mais brasileiros negros em igrejas pentecostais do que em qualquer outra denominação"[4]. A miscigenação entre africanos e europeus também integra esse grupo. Essa predominância se explica pelo fato do pentecostalismo ter se deslocado para as regiões sulista do mundo[5] e prosperado nestes ambientes, onde há, consequentemente, mais negros,

---

[1] **Melquesedec M. C. Damaceno** é Pós-Graduado em Ciências da Religião com Ênfase em Docência do Ensino Superior (lato sensu - FAEPI); Pós Graduado em Gestão Eclesiástica (lato sensu - IPEMIG) e Pós Graduado em Aconselhamento Pastoral (lato sensu - IPEMIG). Bacharel em Teologia (CORAM DEO). Atualmente está graduando em Administração (FEBRAS). É Casado com Ester Damaceno e pai do Álvaro Miguel. Ministro Ordenado pela Assembleia de Deus - Ministério de Vespasiano/MG e atua como Pastor Local na AD Jardim Encantado. Atualmente pertence ao Conselho Editorial da Revista Pneuma da Editora CLAEP Publicações. É autor do livro Evidências do Espírito: a fé pentecostal do Pentecostes à Rua Azusa (2025, Editora Sal Cultural).

[2] Para uma análise da predominância dos negros no pentecostalismo em contexto brasileiro indicamos o livro: OLIVEIRA, Marco Davi. **A Religião mais Negra do Brasil.** Por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo? - 1.ed. - Viçosa, MG: Ultimato, 2015, 134p.

[3] CONTINS, Marcia. **Subjetividade e alteridade**: os pentecostais negros no Brasil e nos Estados Unidos. Ano 11, nº 21, 2º semestre de 2004, p. 156. Disponivel em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/download/14899/11301/49981 Acesso 22 set 2025

[4] ANDERSON, Allan Heaton. **Uma introdução ao pentecostalismo: cristianismo carismático mundial.** São Paulo: Edições Loyola. 2019, p.95

[5] Philip Jenkins reconhece que a espiritualidade do sul do mundo é mais aberta ao sobrenatural. Ele diz que: "[...] os cristãos do Sul são muito mais conservadores, no que se refere às suas crenças e seus ensinamentos morais. [...] Os cristãos sulistas conservam uma orientação sobrenatural muito acentuada e, de modo geral, estão muito mais interessados na salvação pessoal do que na política radical. [...] [Eles] pregam uma fé pessoal profunda e uma ortodoxia comunal, assim como o misticismo e o puritanismo, todos calcados na clara autoridade das Escrituras. Elas pregam mensagens que, para um ocidental, parecem simplisticamente carismáticas, visionárias e apocalípticas. Nesse universo de pensamento, a profecia é uma realidade cotidiana, enquanto a cura pela fé, o exorcismo e as visões oníricas são componentes fundamentais da sensibilidade religiosa." (JENKINS, Philip. **A próxima cristandade** - Rio de Janeiro: Record, 2004, p.23-4 [acréscimos nossos]).

como a America Latina, America do Sul, África e partes da Asia. Nestes espaços marginalizados, onde predominam os países sulistas, emergentes e de terceiro mundo, os pentecostais abrem pontos de pregação e ali estabelecem uma igreja. Eles arrebanham um grupo de fieis e comissionam ali um líder assíduo, muitas vezes da própria comunidade, que dará continuidade ao trabalho.

Por um lado isso é muito bom, pois faz com que a igreja de Cristo e o evangelho avance, chegando em lugares onde muitas igrejas tradicionais (às vezes de confissão reformada e/ou cessacionista) não tem coragem nem de "botar o pé". Por outro lado, pode gerar sérios problemas eclesiais, como de gestão e administração. Na verdade, isso nunca foi, necessariamente, um problema no pentecostalismo, tendo em vista que o empoderamento do Espírito Santo e a confirmação da chamada divina, sempre foram*, a priori, o que* garantiu o sucesso dos novos pontos de culto. Enquanto as igrejas tradicionais abriam seus pontos nos hipercentros e nas metrópoles, os pentecostais iam para os aglomerados, comunidades, beiras de becos e subúrbios e ali estabeleciam suas igrejas.

Eles falavam a linguagem do povo mais humilde a ponto de se sensibilizar com suas necessidades, pois também pertencia a esse mesmo povo. Os marginalizados da sociedade, chamados pejorativamente de "favelados", "suburbanos", "deserdados", "incultos", "marginais" ou de "pobretões", ouviam a pregação do Evangelho por meio de um crente pentecostal, sem estudo formal, mas empoderado pelo poder do Espírito; e ali, na sala ou na cozinha da casa de algum morador destas periferias, mais uma igreja pentecostal começava. Por isso há mais igrejas pentecostais em subúrbios, favelas e comunidades do que igrejas evangélicas tradicionais.

O pentecostal entendeu o IDE, não só como uma ideia a ser estudada, mas como algo para ser feito e vivido em qualquer lugar. Esse é um dos motivos que explica o fato de ser um movimento de predominância parda e negra em todo o país, pois nas favelas, aglmerados, periferias e subúrbios a predominância também é de pessoas com esse tom de pele. O pentecostal fala a língua do povo, e esse povo é de predominância negra. A forma como ele expõe as verdades do Evangelho chama a atenção. Por isso Marco Davi de Oliveira reconhece que há "uma diferença crucial entre o pentecostalismo e o protestantismo histórico: a mensagem". Nesta toada ele complementa dizendo que "enquanto as igrejas históricas pregavam visando àqueles que eram os seus, no que dizia respeito a origem, cultura e etnia, as

igrejas pentecostais se propunham a anunciar a mensagem a todos, sem distinção de raça, cor ou credo"[6].

A mensagem de identificação normalmente é a mais usada. Frases do tipo: "eu já fui como você…"; "sei pelo que você está passando…"; "Jesus te entende, ele já viveu nesta terra"; "Jesus já sofreu a sua dor"; são comuns. A verdade é que saber que Jesus foi homem como nós, faz toda a diferença na propagação da mensagem do Evangelho em comunidades carentes. Pois aproxima o ser humano que sofre, do Cristo que também sofreu. A identificação é clara. A verdade é que apenas um sofredor pode entender a dor de outro sofredor. Faz toda a diferença para um ouvinte marginalizado, sofredor e carente, conhecer o Jesus que *"era desprezado e o mais indigno entre os homens, homem de dores, experimentado nos trabalhos"* (Is 53.3). A verdade é que "nós temos um Cristo que é acostumado a lidar com quem sofre"[7] e saber disso é extremamente reconfortante.

> Quando encontramos um Deus que se torna humano, desce do alto de sua glória para identificar-se conosco e não reivindica nenhuma espécie de privilégio, antes, como todos nós, sofre as agruras do drama humano (abandono, desprezo, traição, fome, sede e, finalmente, a morte), então as pessoas ouvem e dão atenção, pois percebem que não são as únicas a sofrerem e que Deus não é impassível ao seu sofrimento (Fp 2.5-8). Elas se surpreendem ao saber que os cristãos do passado foram também afligidos e que o sofrimento era uma forma de identificação mútua com os crentes até mesmo do Antigo Testamento (2 Co 1.3-11; 1 Pe 5.6-9)[8].

Muitas vezes os ouvidos atentos a esta mensagem de identificação do sofrimento são de pessoas sofridas, desprezadas e que possuem a dor e o ardor da labuta estampados na face. Esse publico, em sua maioria, é composto por negros e pardos. Pessoas que estão sempre vivendo no limite; no limite das finanças, no limite do vestuário, no limite da saúde, do perigo e da escassez.

1. LIBERDADE LITÚRGICA

Outro fato que contribui para a predominância de negros no movimento pentecostal é a liberdade e espaço dado na participação dos cultos[9]. As igrejas católicas, em muitos lugares - principalmente no século passado - tinham suas cerimônias sagradas engessadas; sua

---

[6] OLIVEIRA, Marco Davi. **A Religião mais Negra do Brasil. Por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo?** - 1.ed. - Viçosa, MG: Ultimato, 2015, p.44. [para estas citações desde a última referência]

[7] MARTINS, Yago. **Esse Deus é meu diabo: Reflexões e aplicações práticas da mensagem de Jó 1-10** - 1.ed. - Rio de Janeiro: GodBooks, 2023, p.96.

[8] CARVALHO, César Moisés. **Pentecostalismo e Pós-Modernidade. Quando a experiência sobrepõe-se à Teologia.** 4ª.impressão. Rio de Janeiro: CPAD, 2023, p.268

[9] "Uma das razões pelas quais a espiritualidade pentecostal geralmente é associada à espontaneidade é que o culto pentecostal dá lugar para o inusitado. Na verdade podemos dizer que para os pentecostais *espera-se* o inesperado." **(**SMITH, James K. A. **Pensando em línguas: contribuição pentecostal para a filosofia cristã.** 1.ed. - Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil; Renova. 2020, p.82. Edição Kindle).

representatividade era elitizada e suas expressões cúlticas eram feitas apenas pelos clérigos. Os leigos e incultos ficavam de fora dessa espiritualidade cúltica. A história está aí para provar que quanto mais hierárquica, menos espontânea a Igreja tende a ficar. A institucionalização eclesiástica sempre foi algo que afastou o leigo da liberdade de expressão no culto religioso, e não somente isso, mas:

> Interferiu grandemente nos desenvolvimentos dos dons espirituais, bem como no amadurecimento da vida carismática da Igreja. Quanto mais hierárquica a igreja católica ficava, menos necessidade havia de se depender dos dons. Quanto mais cargos e hierarquias a igreja estipulava, menos desejo havia de se buscar a capacitação espiritual e a dependência em Deus. O domínio da Igreja Católica Apostólica Romana fez com que o cristão comum, sem cargo eclesiastico, fosse relegado a uma posição de mero expectador, o que fazia com que o sagrado fosse domínio monopolizado do clero catolico. Isso fez arrefecer os dons do Espírito na Igreja, por isso, não me admira, certas igrejas (até pentecostais) serem acometidas pela mesma enfermidade, onde a estrutura hierárquica é tão engessada que o cristão comum, sem cargo, vê a igreja como mero entretenimento de Domingo[10].

A missa e os seus padres "fazem tudo" por vezes tolheu a expressividade cúltica do leigo. No entanto, o pentecostalismo surgiu seguindo outro caminho, pois desde os seus primórdios sempre enfatizou a participação leiga nos trabalhos, tanto de mulheres, como de crianças, tanto de ministros quanto de pessoas não ordenadas; tanto de novos, quanto de velhos. O pentecostalismo, principalmente em seus primeiros anos no Brasil, sempre deu a oportunidade para todos falarem em suas reuniões. Todos, independentemente do grau de escolaridade, raça, cor, posição social ou profissão, podem dar um testemunho, cantar um hino, contar a benção recebida, e até realizar um trabalho evangelístico/missionário ao ar livre. Gedeon chama essa abertura que o pentecostalismo dá a todas as gentes de "a democracia da palavra"[11].

O sacerdócio universal de todos os crentes é uma realidade no movimento pentecostal. A maioria dos negros do início do século XX, sendo ex-escravos ou filhos de ex-escravos, não tinha acesso a educação formal, e muitos deles, com resquícios das culturas e religiões africanas ou das catequeses católica, viram no pentecostalismo uma forma de expressar sua vivacidade e alegria; coisa que o catolicismo não oferecia devido as suas estruturas rígidas de poder.

No pentecostalismo o negro se sentiu útil, e muitos deles se tornaram obreiros, dirigentes de igrejas, líderes, dirigentes de círculo de oração, regentes, pregadores e cantores. De dia trabalhavam nas "roças" e lavouras e de noite eram dirigentes de congregação ou pontos de culto. De dia, em muitas das vezes, eram "escanteados", mas de noite eram chamados a

---

[10] DAMACENO, Melquesedec. **Evidências do Espírito: A Fé Pentecostal do Pentecostes à Rua Azusa**. Águas de Santa Bárbara/SP: Editora Sal Cultural. 2025, p.27

[11] ALENCAR, Gedeon. **Assembleia de Deus: Origem, implantação e militância.** (1911-1946). São Paulo: Arte Editorial. 2010, p.150

frente para pregar ou cantar alegremente ao Senhor. De dia trabalhavam em duros serviços braçais e só eram notados quando erravam, mas de noite, nos cultos pentecostais, eles eram mais que notados, na verdade, eram até convidados para pregar, cantar ou cooperar em igrejas de outras cidades. Basicamente o indivíduo deixava de ser mero espectador para tornar-se protagonista. Protagonista e embaixador do Reino de Deus.

O pentecostalismo, querendo ou não, produziu nos indivíduos marginalizados um forte senso de redenção e restauração da dignidade que outras tradições do cristianismo pouco conseguem entregar. O movimento, como afirma Moreira, "proporciona sentimento de pertença e empoderamento aos seus participantes"[12], e arremata dizendo que o pentecostalismo

> proporciona ascensão mesmo ao indivíduo simples e humilde, que sempre foi relegado pelo poder público, como cidadão de "segunda classe". Com postura totalmente diferente, inclusive de suas co-irmãs cristãs, no que diz respeito ao tratamento "igualitário" de todos, ganhou a simpatia, admiração e preferência dos moradores do subúrbio. Com a alfabetização para a leitura da Bíblia, proporciona a ampliação de horizontes, inclusive profissional, de seus membros e o encorajamento de seus familiares, parentes e amigos para conhecerem essa igreja onde o [negro e o] 'pobre tem vez'[13]

Marco Davi de Oliveira nos diz que a religiosidade cúltica negra e marginal

> "tende a ser mais participativa por não se sustentar apenas em conceitos de uma teologia abstrata e metafísica uma religiosidade na qual a fé torna-se real também pelo fato de o negro ter, em sua negritude e origem, uma relação com a natureza que o faz perceber a ação de Deus em todas as instâncias da vida e do cotidiano. Além disso, o negro vê no sofrimento uma força dada à própria raça para a resistência coletiva. Como cristão, ele se relaciona com tudo na vida como sendo uma expressão do próprio Deus. Por tudo que experimentou no processo histórico, ele sabe que é fruto da graça salvífica de Deus, tanto no âmbito espiritual quanto no social. A grande maioria dos negros adeptos das denominações pentecostais sente-se bem nas igrejas que frequentam por causa de uma liturgia mais próxima de sua origem, ao passo que a liturgia das igrejas históricas geralmente traz elementos europeus que não se identificam com o jeito de ser do afrodescendente"[14].

Em outras palavras, o negro encontrou no pentecostalismo uma liberdade que dificilmente é encontrada em outras formas de religiosidade. Neste ponto fica a pergunta. Por que o pentecostalismo atrai tantas pessoas, em especial, aqueles que se encontram às margens da sociedade? Cremos que Alister McGrath ofereceu uma boa resposta para isso. Ele diz que

> A melhor resposta parece ser [a] ênfase [pentecostal] na capacitação espiritual pessoal por meio da qual a posição do indivíduo não é determinada por sua localização sociológica nem por sua capacidade intelectual, mas por seu dom concedido pelo Espírito Santo[15].

---

[12] MOREIRA, Cosme Alexandre R. in: OLIVEIRA, David Mesquiati de (org.) **Pentecostalismos e transformação social.** São Paulo: Fonte Editorial, 2013, p.85.

[13] MOREIRA in: OLIVEIRA, 2013, p.85 [acréscimos nossos]

[14] OLIVEIRA, 2015, p.48-9.

[15] McGRATH, Alister. **Revolução Protestante. Uma provocante história do protestantismo contada desde o século 16 até os dias de hoje.** Brasília, DF: Palavra, 2012, p.421. [acréscimos nossos]

Em outras palavras, os marginalizados e carentes - e consequentemente os negros -, escolhem o pentecostalismo porque neste lugar o que faz a diferença, não é, *a priori,* o conhecimento acadêmico, nem a posição social, nem o cargo hierárquico, mas o poder do Espírito Santo. Como orienta Gutierres, o pentecostalismo enxerga "a efusão do Espírito como um meio de capacitação do indivíduo. Muitos rompem com estruturas de poder justamente porque também acreditam que receberam da parte de Deus o 'empoderamento'"[16]. Neste local empoderado, o senso de dignidade é acentuado e o serviço leigo, valorizado.

> Isso significa que os participantes nesses movimentos, geralmente, adquiriram um senso renovado de si mesmo, que estava em desacordo com as atitudes culturais que prevaleciam. Se Deus é amor, eles eram amados; se Cristo morreu por eles, então eles possuíam um valor e uma dignidade, dados por Deus, que o mundo não poderia tirar deles. Se eles foram santificados e capacitados pelo Espírito Santo, então Deus os afastou de qualquer papel passivo que a sociedade tem atribuído à atividade de ser cheio do Espírito. Como participantes da obra de Deus do mundo eles poderiam ser agentes, até mesmo, líderes[17].

2. RECONCILIAÇÃO FRATERNA

Na espiritualidade pentecostal, há um forte senso de reconciliação, pois se entende que Deus não condicionou o seu Espírito a um número de pessoas privilegiadas, seja por etnia, raça ou credo. A sua promessa é de que o seu Espírito seria derramado *"sobre toda a carne"* (Jl 2.28), e não sobre uma classe social específica ou uma cor de pele privilegiada. A mensagem de reconciliação faz parte da mensagem de Pentecostes, até porque o próprio Apóstolo Pedro não a limitou a um grupo racial. Como diz as Escrituras, a *"promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar"* (At 2.39). Um exemplo histórico dessa reconciliação foi o episódio marcante ocorrido no ano de 1994 em Memphis, Tennessee (EUA); que ficou conhecido como o "milagre de Memphis". Nesta cidade e naquele ano

> a Pentecostal Fellowship of North America, uma instituição que reúne igrejas pentecostais brancas, foi substituída pela instituição chamada Pentecostal/Charismatic Churches of North America (PCCNA). Nesse novo grupo, o primeiro presidente eleito foi o bispo negro Ithiel C. Clemmons (1938-2015), proveniente da Igreja de Deus em Cristo. Os líderes da Assembleia de Deus rejeitaram o passado racista da denominação, e um pastor branco assembleiano lavou os pés do bispo Ithiel C. Clemmons. O ato não havia sido planejado, mas o pastor branco fez esse gesto como sinal de profundo arrependimento pelo pecado do racismo nas igrejas americanas. Retribuindo o gesto, o bispo negro Charles Edward Blake, da Igreja de Deus em

---

[16] SIQUEIRA, Gutierres Fernandes. **Revestidos de Poder: Uma Introdução à Teologia Pentecostal.** 6ªimpre. Rio de Janeiro: CPAD, 2023b, p.134.

[17] KNIGHT III, Henry H. **De Aldersgate a Azusa: Visões de uma Nova Criação, Wesleyana, Pentecostal e de Santidade.** Maceió: Editora Sal Cultural. 2018, p.26

> Cristo, lavou os pés de Thomas E. Trask, então superintendente-geral das Assembleias de Deus nos Estados Unidos. Toda a cerimônia aconteceu debaixo de muito choro, quebrantamento e louvor[18].

Outro exemplo dessa tentativa de reconciliação racial foi o Pastor batista Martin Luther King Jr. (1929 - 1968). Ele, de fato, foi um revolucionário, pois lutou contra a segregação racial nos Estados Unidos e buscou de forma pacifica a integração e participação dos negros em todas as camadas da sociedade, algo que as leis de Jim Crow[19] não permitiam na época. Ele lutou pela liberdade, pelos direitos iguais e por ideais que são básicos ao ser humano.

Martin Luther King Jr. desejou pacificamente revolucionar o mundo e seu legado continua até os dias de hoje; porém o pentecostalismo, longe de ser um movimento revolucionário idealista, ativista e propositalmente, também trouxe contribuições significativas sobre a problemática racial, que perduram e impactam até os dias de hoje. Desde seus primórdios, o pentecostalismo se destacou por desafiar as barreiras raciais, promovendo uma convivência entre brancos e negros em um contexto marcado pela segregação.

Um exemplo emblemático foi o Avivamento da Rua Azusa, em 1906, liderado por William J. Seymour, um ministro Holiness, cego de um olho e negro. Nesse movimento, pessoas de diferentes raças, cores e etnias oravam, pregavam, falavam em línguas, ouviam umas as outras e adoravam juntas; o que representava uma ruptura radical com as normas sociais e religiosas da época nos Estados Unidos, ainda profundamente marcados pelas Leis de Jim Crow. O historiador Frank Bartleman afirma que o trabalho

> era cada vez mais claro e forte em Azusa. Deus operava poderosamente. Parecia que todos precisavam ir a Azusa. Havia missionários vindos da África, Índia e ilhas oceânicas. Pregadores e obreiros atravessavam o continente, e vinham de ilhas distantes, motivados por uma atração irresistível por Los Angeles. [...] Reuniões independentes, em lonas e missões, começaram a fechar por falta de gente. Seus membros estavam todos em Azusa. O irmão e a irmã Garr fecharam o auditório Sarça Ardente e vieram para Azusa a fim de serem batizados no Espírito; logo depois, foram para a Índia para espalhar a chama. [...] Havia muito mais brancos do que pessoas negras frequentando as reuniões. **A segregação racial fora apagada pelo sangue de Jesus**.[20]

Negros e brancos podiam se reunir como irmãos - sem preconceito, sem rivalidade. Havia liberdade. Tudo isso foi motivado não apesar de, mas por causa da espiritualidade e da teologia pentecostal. Por um breve momento, o movimento pentecostal da Rua Azusa

---

[18] SIQUEIRA, Gutierres. **Pneumatologia: uma perspectiva pentecostal** – 1.ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023a, p.129. Edição Kindle.

[19] As Leis de Jim Crow foram um conjunto de normas estaduais e locais que legalizaram a segregação racial nos Estados Unidos, especialmente no sul do país. Estiveram em vigor de aproximadamente 1877 até 1965, quando começaram a ser revogadas com o avanço do movimento dos direitos civis.

[20] BARTLEMAN, Frank. **A história do avivamento Azusa** - 3. ed. - Americana, SP: Impacto Publicações, 2016, p.53. [negritos nossos]

possibilitou uma cisão das fronteiras, tanto raciais quanto sociais, pois ali brancos e negros, pobres e ricos, eram considerados iguais. No pensamento pentecostal, somente o Espírito pode fazer isso: negros e brancos, homens e mulheres, espanhóis e ingleses, acadêmicos e leigos - todos juntos em uma única irmandade. O pentecostalismo, sociologicamente, produziu um aspecto inclusivista, no qual todos - negros e brancos, jovens e velhos, mulheres e homens, adultos e crianças - são chamados a participar ativamente da igreja, e não apenas consumir os programas e cultos que ela oferece. Ao comentar essa questão Cheryl Bridges nos diz que a presença ativa do Espírito Santo no pentecostalismo exige

> uma equalização radical de negros e brancos, homens e mulheres, ricos e pobres [...] Assim, o pentecostalismo manteve-se como um contraste com a ordem dominante de sua época. Foi um movimento revolucionário e subversivo, não baseado em ideologia filosófica nem totalmente em reflexão crítica. Foi um movimento que experimentou por meio do Espírito Santo a libertação divina de Deus[21].

Antes de finalizar é preciso, novamente, ponderar que todo o impacto social produzido pelos pentecostais, especialmente no que diz respeito às questões raciais, não foi baseado em pressupostos políticos, militantes, jornalísticos ou midiáticos, mas sim no empoderamento do Espírito, que foi prometido sobre *"toda carne"*, e não sobre uma etnia ou cor de pele privilegiada. Logo, o modo como o pentecostal entende teologicamente a abrangência do derramamento do Espírito (Jl 2.28-29; At 2.1-19) influência diretamente seu modo de ver e atuar em pautas raciais. É verdade que essa igualdade social e racial nem sempre esteve presente no pentecostalismo em todo o tempo, pois houve momentos da história onde "o racismo e a insensibilidade cultural foram endêmicos no movimento"[22]. O posicionamento contrário de Charles F. Parham à missão da Rua Azusa, é um exemplo disso[23]. Mas essa jamais será a tônica do Espírito, pois onde o Espírito age, as barreiras raciais precisam cair por terra. O que fugir disso tem, por certo, a vaidade e o orgulho humano por detrás.

---

[21] BRIDGES, Cheryl. in: ANDERSON, 2019, p.299

[22] BRIDGES, Cheryl. in: ANDERSON, 2019, p.300.

[23] "Chegando à Rua Azusa em outubro de 1906, Parham ficou alarmado com a intensa exuberância do culto e a mistura das raças. A tentativa de Parham de assumir o avivamento foi resistida por Seymour e pelo conselho inter-racial de anciãos da Missão da Rua Azusa". **(KNIGHT III, 2018, p.225).** "Quando Parham visitou Azusa, em outubro de 1906, ele não aprovou o que encontrou, mas, ao contrário, repudiou. Assuntos teológicos, raciais e de poder, todos entraram em sua avaliação, e o resultado foi a separação". **(**ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do Movimento Pentecostal.** 4ª Impressão. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, **p.606).**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso apresentado neste breve artigo evidencia que o pentecostalismo, embora não esteja isento das limitações e contradições próprias da história humana, consolidou-se como um importante agente de inclusão e valorização da dignidade humana. Sua compreensão do derramamento universal do Espírito Santo conferiu protagonismo a pessoas que, durante séculos, foram marginalizadas por critérios raciais, sociais e econômicos, reafirmando que o chamado e a capacitação divina não são determinados pela cor da pele, pela posição social ou pelo grau de instrução, mas pela soberania de Deus.

Nesse sentido, a igualdade racial promovida pelo pentecostalismo não nasce de uma agenda ideológica, mas de uma convicção teológica: o Espírito Santo é derramado sobre toda a carne e forma uma comunidade reconciliada em Cristo. Onde o Espírito atua autenticamente, preconceitos e privilégios étnicos perdem espaço para a comunhão, o serviço e o amor fraternal. Assim, a história do movimento demonstra que sua maior contribuição para a questão racial não foi apenas denunciar a segregação, mas criar espaços concretos de participação, pertencimento e liderança para aqueles que a sociedade insistia em manter à margem, tornando a Igreja uma expressão visível da reconciliação promovida pelo Evangelho.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon. Assembleia de Deus: Origem, implantação e militância. (1911-1946). São Paulo: Arte Editorial. 2010.

ANDERSON, Allan Heaton. Uma introdução ao pentecostalismo: cristianismo carismático mundial. São Paulo: Edições Loyola. 2019

ARAÚJO, Isael de. Dicionário do Movimento Pentecostal. 4ª Impressão. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

BARTLEMAN, Frank. A história do avivamento Azusa - 3. ed. - Americana, SP: Impacto Publicações, 2016.

CARVALHO, César Moisés. Pentecostalismo e Pós-Modernidade. Quando a experiência sobrepõe-se à Teologia. 4ª.impressão. Rio de Janeiro: CPAD, 2023.

CONTINS, Marcia. Subjetividade e alteridade: os pentecostais negros no Brasil e nos Estados Unidos. Ano 11, nº 21, 2º semestre de 2004. Disponivel em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/download/14899/11301/49981 Acesso 20 Jun 2026

DAMACENO, Melquesedec. Evidências do Espírito: A Fé Pentecostal do Pentecostes à Rua Azusa. Águas de Santa Bárbara/SP: Editora Sal Cultural. 2025.

JENKINS, Philip. A próxima cristandade - Rio de Janeiro: Record, 2004.

KNIGHT III, Henry H. De Aldersgate a Azusa: Visões de uma Nova Criação, Wesleyana, Pentecostal e de Santidade. Maceió: Editora Sal Cultural. 2018.

MARTINS, Yago. Esse Deus é meu diabo: Reflexões e aplicações práticas da mensagem de Jó 1-10 - 1.ed. - Rio de Janeiro: GodBooks, 2023.

McGRATH, Alister. Revolução Protestante. Uma provocante história do protestantismo contada desde o século 16 até os dias de hoje. Brasília, DF: Palavra, 2012.

OLIVEIRA, David Mesquiati de (org.) Pentecostalismos e transformação social. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

OLIVEIRA, Marco Davi. A Religião mais Negra do Brasil. Por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo? - 1.ed. - Viçosa, MG: Ultimato, 2015.

SIQUEIRA, Gutierres Fernandes. Revestidos de Poder: Uma Introdução à Teologia Pentecostal. 6ªimpre. Rio de Janeiro: CPAD, 2023b.

SIQUEIRA, Gutierres. Pneumatologia: uma perspectiva pentecostal – 1.ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023a. Edição Kindle.

SMITH, James K. A. Pensando em línguas: contribuição pentecostal para a filosofia cristã. 1.ed. - Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil; Renova. 2020, Edição Kindle.